

O PROTAGONISMO DA MULHER QUILOMBOLA FRENTE AS DEMANDAS COMUNITÁRIAS E SEU EMPODERAMENTO

The protagonism of quilombola women in the face of community demands and their empowerment

Amanda Ribeiro Carolino¹

Cláudia Aparecida Avelar Ferreira²

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio³

Simone Costa Nunes⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é examinar o protagonismo da mulher quilombola frente as demandas comunitárias e seu empoderamento. Foi realizada uma pesquisa descritiva, qualitativa, e a história de tradição oral testemunhal, no contexto de estudo à Comunidade Quilombola dos Arturo's e do Ribeirão. As mulheres quilombolas são matriarcas, rainhas do Congado, tomam a frente as necessidades do povo quilombola, como conseguir transporte público para as crianças, conseguir renda, garantir a cultura e a memória dos povos tradicionais. Esse estudo pode ser um ponto de partida para maior debate na academia e, assim, sair da teoria para a vida

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armindo.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

cotidiana do povo negro, indo além do registro na história, possibilitando ao negro, o direito à cidadania e os quilombos passarem a ser comunidades sustentáveis.

Palavras-chave: Matriarcado; Quilombo Arturo's; Quilombo; Quilombo do Ribeirão.

1 INTRODUÇÃO

Ao retratar o protagonismo da mulher quilombola, ela atua ao longo da sua história a função de liderança, sendo considerada o pilar nos processos de luta nas comunidades. Nos quilombos, as mulheres negras sempre se destacaram em relação às organizações e conquistas, como exemplo histórico no Brasil, Dandara dos Palmares, Tereza de Benguela, Anastácia entre outras (CARNEIRO, 2011).

Entende-se como quilombo: “grupos de escravos fugidos; expressões de resistência cultural e política; grupos sociais étnica e culturalmente diferenciados; processos identitários coletivos e mais recentemente novos sujeitos de direitos socioculturais” (RODRIGUES, 2010, p. 254), o que deveria ter sido desde sempre. Grande parte dos territórios quilombolas do Brasil, são caracterizados como espaços de referências femininas, tanto no meio social, econômico e político (CARNEIRO, 2011).

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

Dados da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ, 2022), no censo demográfico realizado até 29 de agosto de 2022 recenseou 386.750 quilombolas, sendo a maioria localizada na região Nordeste (71,6%), Norte (12,8%), Sudeste (11,4%), Centro-Oeste (2,8%) e Sul (1,4%). O quilombo constitui a base estrutural do território onde ocorre a reprodução física, social, econômica e cultural da coletividade (COSTA, 2014). Minas Gerais engloba 1.043 comunidades negras e quilombolas, sendo ao menos quatro na cidade de Brumadinho - a Comunidade Ribeirão foi certificada em 04/11/2010; uma na cidade de Contagem - Comunidade Arturo's certificada em 25/5/2005, conforme Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES, 2021).

Perante a condição de invisibilizada pela sociedade brasileira, a mulher negra em si sofre no mínimo tripla discriminação por raça, classe, gênero (CRENSHAW, 1991) e no caso da mulher quilombola, tetra discriminação. Indaga-se: qual o papel da mulher quilombola na sua comunidade, é possível seu empoderamento? O objetivo deste estudo foi examinar o protagonismo da mulher quilombola frente as demandas comunitárias e seu empoderamento. Foi adotada a pesquisa descritiva e qualitativa (CRESWELL, 2007) e a história de tradição oral (JOAQUIM; CARRIERI, 2018). Na história oral, o narrador é considerado, ele próprio, um

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

agente histórico e as análises históricas são fundamentadas sobre vestígios e/ou registros deixados pelas gerações antepassadas (GOMES; SANTANA, 2010).

Foi realizado um estudo nas Comunidades Quilombolas dos Arturo's e do Ribeirão, sendo a primeira localizada na cidade de Contagem, e a segunda na cidade de Brumadinho, ambas no estado de Minas Gerais, Brasil. O quilombo Arturo's foi escolhido por ser a primeira comunidade reconhecida como Patrimônio Imaterial do estado de Minas Gerais, o que ocorreu no ano de 2014, e a segunda comunidade quilombola, do Ribeirão, por ter sofrido os efeitos do rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão em Brumadinho, ocorrida no dia 25 de janeiro de 2019.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Escravidão: processo e consequências

O período colonial foi caracterizado pelo início do processo de exploração em massa dos povos originários do território brasileiro. Com a chegada da população africana, intensificou-se o processo de exploração da mão de obra e tal intensificação deu origem ao período de escravidão (SCHWARCZ, 2012). As nacionalidades que mais traficaram escravos

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

foram: ingleses (40,5%), portugueses (31,0%), franceses (18,1%), holandeses (5,7%), norteamericanos (3,4%) e outros (1,2%). Destes estimam-se que dois milhões e duzentos e trinta eram mulheres, com idade entre 14 e 30 anos (2.230.000), homens cerca de 4 milhões e cento e sessenta, com a mesma idade (4.160.000) e crianças abaixo de 14 anos (1.140.000), a maioria veio de Angola e Costa da Mina (FERREIRA; SEIJAS, 2018). A escravidão pode ser entendida como um período em que se desenvolveu um cruel e lucrativo comércio de seres humanos, e essa prática de exploração dos corpos negros ao longo dos anos passou a ser justificada por razões morais e religiosas, baseadas na crença da suposta superioridade racial e cultural dos povos europeus (SCHWARCZ, 2012).

O Brasil foi o último país da América a abolir a escravidão e o que mais recebeu africanos (cerca de dois milhões), de forma que ocupa o segundo lugar de população afrodescendente no mundo. Essa situação explica como as práticas culturais de raízes africanas influenciaram o exercício da formação cultural dos países como Brasil e Cuba (recebeu cerca de um milhão de africanos) (LA FUENTE; ANDREWS, 2018).

O movimento de escravos africanos na América Latina se transformou em um celeiro com conexões sociais e culturais profundas com a África. Porém, “a escravidão sobreviveu a

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

essas transformações, metamorfoseando-se em novas escravidões ou em práticas de trabalho forçado que se assemelhavam de forma estreita à escravidão” (FERREIRA; SEIJAS, 2018, p. 64).

Nos períodos posteriores, homens e mulheres negras têm adotado práticas individuais e coletivas de resistência no intuito de garantir melhores condições de sobrevivência e vozes em contextos sociais moldados pelo racismo, sexismo e exploração (GONZÁLEZ, 2020). A sociedade colonial estruturada de maneira extremamente hierarquizada, semelhante ao modelo de castas, na qual diversos grupos desempenham papéis rigidamente diferenciados. Neste período identifica-se dois planos, de um lado encontra-se o senhor de terras que concentra em suas mãos o poder econômico e político. Do outro lado se encontram as pessoas escravizadas, que caracterizaram a força de trabalho efetiva da sociedade (NASCIMENTO, 2021).

Esta estratificação e hierarquização social da população afro-brasileira existia em grupos organizados por homens e mulheres livres, vivendo em condições precárias, sem garantias básicas para sua sobrevivência. “Assim, com base nessa realidade, a sociedade colonial se revestiu de um caráter patriarcal que permeia toda a sua estrutura, refletindo-se de maneira extrema sobre a mulher” (NASCIMENTO, 2021, p.43). O modelo patriarcal e

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

paternalista do período colonial atribuiu a mulher branca uma figura exclusivamente destinada ao papel de esposa do homem, e mãe que dedica boa parte do seu tempo aos cuidados da família e as satisfações pessoais. De modo geral, a mulher branca tem sua figura associada ao ócio (NASCIMENTO, 2021; BENTO, 2022) projetada para ser mimada e respeitada (SCHWARCZ, 2012). Ao contrário dessa realidade, têm-se a figura da mulher negra que é considerada uma mulher essencialmente produtora, com um papel semelhante ao do seu homem, ou seja, provida de um papel ativo e visualizada como força de trabalho (NASCIMENTO, 2021).

Os resquícios do processo de colonização do Brasil, no contexto social aponta que os povos originários e afrodescendentes tiveram suas subjetividades, e modos de ser e existir violados pelo colonizador europeu. Hooks (2020) afirma que a maioria da população negra da América, e mais especificamente da América Latina foram colonizadas por pessoas brancas e ao longo da vida foram ensinadas a aceitar e defender a supremacia branca. Entretanto, Nascimento (2021) assinala que em uma sociedade como a nossa, onde a dinâmica do sistema econômico arquiteta espaços de hierarquia de classes, tende a existir mecanismos próprios que irão selecionar as pessoas ideais que irão compor e preencher os espaços organizacionais, assim, o critério racial é um dos mecanismos responsáveis para essa seleção, estabelecendo que as

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

pessoas negras sejam designadas a lugares de baixa hierarquia, por meio da discriminação (NASCIMENTO, 2021; BENTO, 2022).

Segundo González (2020) esse cenário nos remete ao mito da democracia racial enquanto modo de discurso que oculta a trágica realidade vivida pela população negra no país, afirmando que:

Tais condições nos remetem ao mito da democracia racial enquanto modo de representação/discurso que encobre a trágica realidade vivida pelo negro no Brasil. Na medida em que somos todos iguais “perante a lei” e que o negro é “um cidadão igual aos outros”, graças à Lei Áurea nosso país é o grande complexo da harmonia inter-racial a ser seguido por aqueles em que a discriminação racial é declarada (GONZÁLEZ, 2020, p. 31).

Após a abolição da escravidão no dia 13 de maio de 1888 por meio da Lei Áurea, o racismo se tornou uma prática exacerbada na dinâmica social brasileira. Foi a partir desse momento na história do país que várias bases teóricas referentes ao mito da democracia racial passaram a se consolidar no imaginário social da população (SCHWARCZ, 2012), porque a Lei Áurea era o principal dispositivo de opressão da população negra, e no ano seguinte a instituição desta lei, em 1889, houve a Proclamação da República onde transcorreu a

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

universalização do negro e seu pleno direito à cidadania. Com base na última constituição, os cidadãos negros passariam a desfrutar de uma igualdade de direitos e oportunidades em relação aos brancos em todas as instâncias da vida pública, seja na saúde, educação, emprego, moradia, direito a terra e outros (BRASIL, 1988). “Todavia, se não se alcança a liberdade plena em face de um modelo societário assentado sob o trabalho alienado, considerando os fundamentos da nossa história fundiária, aos povos quilombolas a negação da liberdade chega a ser vivenciada, ainda na atualidade, como impossibilidade de alcançar todos os efeitos da Lei Áurea” (SILVA, 2021, p.561).

Schwarcz (2012) afirma em seus estudos sobre o mito da democracia racial no Brasil, que desde o Brasil colônia, a figura do indivíduo da cor branca era associada a uma raça “pura” e dotada de razão/racionalidade. “Quanto mais branco melhor, quanto mais claro mais superior, eis aí uma máxima difundida, que vê no branco não só uma cor, mas também uma qualidade social: aquele que sabe ler, que é mais educado e que ocupa uma posição social mais elevada” (SCHWARCZ, 2012, p. 44). Como os quilombolas possuem a cor da pele mais ‘restinta’, logo escura, eles padecem de maior discriminação que os demais mestiços, devido ao colorismo (MIZAE; CASTRO; DITTRICH, 2021)

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

Enfim, a questão de raça é uma construção social, política, cultural e não biológica, pois as diferenças genéticas são ínfimas (PENA; BORTOLINI, 2004; AGUIAR, 2007), sendo também permeada por relações de poder e controle econômico (WADE, 2017). DeSouza (2017, p.34) salienta que raça é constituída por “diferenças culturais, raciais e históricas, manifestas em práticas sociais disfarçadas e justificadas por diferenças físicas, pelo qual sentidos são produzidos e fundamentados no corpo, mas que não pertencem ao corpo, mas sim a uma construção discursiva social histórica”. Logo, o construto raça passou a ser uma estratégia prejudicial para garantir o privilégio permanente dos brancos as melhores posições e lugares, excluindo todos os demais que não se enquadram no padrão determinado pelo pacto da branquitude (BENTO, 2022), por isso é essencial compreender o passado histórico sobre a escravidão e os países envolvidos no fortalecimento do capitalismo na América Latina.

A condição das mulheres quilombolas fora do seu território é de discriminação, e por sua condição de ser mulher, padecem por causa do sexismo (SAFFIOTI, 2015), racismo (DESOUZA, 2017), classe social (NASCIMENTO, 2021) e estigma de quilombola (Goffman, 1981). Estes atributos opressivos se somam fornecendo gatilhos para que haja maior preconceito pela sociedade sexista e racista, porém não se sobrepõem, mas perpassam entre si,

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

levando ao desempoderamento, por isso, as mulheres negras quilombolas estão mais concentradas na base da pirâmide econômica, devido à baixa escolaridade e trabalham na maioria das vezes como doméstica. Porém, dentro dos quilombos as mulheres são empoderadas e assumem funções de luta por melhores condições de vida, e são reconhecidas e respeitadas.

3. METODOLOGIA

O estudo foi descritivo, delineado a partir de uma abordagem qualitativa (CRESWELL, 2007) e a metodologia foi a história oral testemunhal (JOAQUIM; CARRIERI, 2018). Não há um consenso sobre a história oral definindo-a como método e/ou técnica. Tem sido muito aplicada nos estudos que envolvem comunidades raciais e étnicas passando a ter foco as pessoas e contextos marginais para o cerne das discussões voltadas para as vivências dos narradores, pois nem a história e nem o dia a dia podem ser apreendidos, mas podem ser narrados e interpretados por meio dos discursos (JOAQUIM; CARRIERI, 2018).

Segundo Gomes e Santana (2010), a história oral é um método de pesquisa, tendo como instrumento de investigação a entrevista, bem como outros artifícios alinhados entre si para o registro de narrativas da experiência humana, além de apresentar a capacidade de produzir

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

conhecimentos. Tem como objetivo registrar as experiências e representações do indivíduo imerso em um determinado contexto social (GOMES; SANTANA, 2010).

A história de tradição oral compreende sujeitos narradores vivos e que se baseia em questões do passado, com o intuito da manutenção de mitos e tradições, que são passadas de geração a geração (JOAQUIM; CARRIERI, 2018). As análises de narrativas têm o objetivo de extrair as experiências, sendo as práticas o fenômeno a ser investigado. Do ponto de vista de Clandinin e Connely (2015) os contextos temporais, sociais e físicos são a base para um estudo narrativo - fazem a intersecção das dimensões temporal, interacional e contextual e relacionam com vivência de cada um sujeito da pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Com base nisso a presente pesquisa objetivou resgatar a história e investigar o papel das mulheres negras e como é a vida dos quilombolas em meio da discriminação. Para este estudo, o primeiro contato com o material pesquisado foi por meio de pesquisa exploratória sobre quilombolas, quando foi escolhido como objeto de estudo a Comunidade Quilombola dos Arturo's. Pelo *website* já foi possível conhecer um pouco dessa comunidade, fundada por um filho de escravo "livre". No século XIX, o escravo Camilo Silvério da Silva veio de Angola trazido para trabalhar no Brasil. Foi vendido e passou a trabalhar na Mata do Macuco, hoje

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

pertencente ao município de Esmeraldas, Minas Gerais. Ele se casou com uma escrava alforriada e teve seis filhos. Um deles, chamado Artur, nasceu sob a Lei do Ventre Livre e, portanto, não foi considerado um escravo, mas foi maltratado pelos patrões, como se fosse. No sepultamento do seu pai, ao implorar para ir à cerimônia, foi maltratado pelo patrão e, diante dessa situação, decidiu que seus filhos iriam viver todos juntos (COMUNIDADE DOS ARTURO'S, 2016).

A entrevista na comunidade foi agendada com a Rainha da Irmandade depois de 8 dias do primeiro contato, por telefone. Foi elaborado o roteiro semiestruturado para a entrevista, contendo 18 questões relacionadas à questão da mulher negra, racismo, política afirmativa, desafios dos negros na sociedade e mercado de trabalho, bem como, sobre a comunidade, valores, funcionamento e financiamento. A entrevista não foi sequencial e foram levantadas outras questões, para o aprofundamento do tema. A empatia da narradora com as pesquisadoras propiciou uma maior proximidade e confiança, fomentando o resgate da memória, traduzida na história (JOAQUIM; CARRIERI, 2018).

A entrevista com a líder e guardiã da cultura da comunidade Arturo's, a qual doravante será identificada como narradora com codinome "Ametista" foi gravada após autorização.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

Também foi permitido o registro por meio de fotografias. Ela nos recebeu de forma espontânea e descalça. A entrevista durou cerca de sessenta e três minutos e vinte e quatro segundos. Depois da entrevista, os pesquisadores foram conhecer a igreja de Nossa Senhora do Rosário, tirar fotos da igreja interna e externa que contém diferentes tipos de coroas, bem como fotos dos primeiros fundadores e das festas locais e, *a posteriori*, conheceram o Sr. Mário, um ancião de 85 anos, considerado o principal líder e benzedeiro, o qual atende um fluxo constante de fiéis. No ano de 2021 morreram o Sr. Mário, sua esposa Dodora e sua filha mais velha. Esse título proporcionou maior visibilidade ao local que passou a receber visitantes do mundo inteiro, até se tornando um ponto turístico e, ao mesmo tempo, reforçando a importância dos valores daquele povo. Está aberta para visita de estudantes, grupos de pesquisas e da população em geral (COMUNIDADE DOS ARTURO'S, 2016).

A entrevista aconteceu nos meses de agosto e outubro na comunidade Arturo's, foi transcrita e gerou 21 páginas em espaço simples, com 9.120 palavras, possibilitando uma narrativa bem substancial sobre os fatos. No início de dezembro o mesmo ano, a narradora validou as narrativas desenvolvidas no estudo, a partir da transcrição da entrevista e do artigo confeccionado. O processo de leitura e correções pela senhora Ametista durou 180 minutos.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

A comunidade do Ribeirão, localizada no distrito de São José do Paraopeba, no município de Brumadinho, Minas Gerais, foi escolhida durante as ações extensionistas realizadas após o rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão no dia 25 de janeiro de 2019. A universidade criou um programa com objetivo de desenvolver ações por meio dos cursos de graduação e pós-graduação, junto à população atingida pelo rompimento da barragem.

O foco desses projetos era estar com as comunidades atingidas pelo evento do dia 25, e desenvolver ações concretas valorizando o protagonismo comunitário juntamente ao conhecimento acadêmico, visando a transformação social do território. A comunidade quilombola de Ribeirão tem passado por um processo de organização e busca pelo avanço na gestão territorial. Isso se tornou mais evidente e intenso nos pós tragédia/crime de 2019, no qual a comunidade se viu diante de vários atores externos atravessando seu espaço de vivência. Diante do fato, a comunidade se organiza por meio de lutas e ações coletivas por parte dos quilombolas a fim de solucionar problemas pontuais que surgem no cotidiano do grupo. A conquista mais recente da comunidade foi à constituição da Associação Comunitária do Quilombo de Ribeirão, que está sendo estruturada para ser porta de entrada de ações destinadas à melhoria nas condições de vida dos quilombolas, no desenvolvimento de políticas públicas e

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

para facilitar o diálogo com as instituições de justiça, entidades e demais sujeitos que atualmente cruzam o cotidiano do quilombo.

No ano de 2010 após a certificação das terras quilombolas pela Fundação Cultural Palmares, a comunidade obteve algumas conquistas, tais como melhores condições de transporte, melhorias nas estradas que dão acesso ao quilombo e a instalação de atendimento médico na comunidade vizinha. Entretanto, apesar desses avanços conquistados, percebe-se que ainda há muitos desafios a serem enfrentados por essa comunidade, visto que são grupos marcados por condições socioeconômicas precárias relacionadas à escassez de políticas públicas, falta de documentação para comprovação de posse da terra, desconhecimento de seus direitos, desemprego e a falta de escolaridade, que é um dos principais obstáculos para a melhoria das condições de vida desse segmento populacional (COMUNIDADE DO RIBEIRÃO).

Na comunidade do Ribeirão foram realizados dois (2) encontros totalizando uma carga horária de 10 horas de atividades de campo, onde foram utilizadas as ferramentas de investigação: rodas de conversas, oficinas de cartografias, diagnósticos rápidos participativos (DRP's) e construção de diários de campo. A participação dos quilombolas foi representativa

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

durante o desenvolvimento das atividades e uso das ferramentas. Os achados foram divididos nas várias temáticas, porém neste estudo trataremos do papel da mulher no quilombo (divisão sexual do trabalho). A primeira roda de conversa aconteceu no bar da Rubi (codinome), presidenta da associação comunitária do quilombo, no dia 21 de maio de 2022. Participaram do encontro 17 pessoas, incluindo os mais velhos da comunidade, as matriarcas do quilombo, e adolescentes. A roda de conversa teve uma duração de 4 horas. Durante o momento de diálogo com a comunidade não foi utilizado nenhum roteiro semiestruturado, a ideia era propiciar um espaço de diálogo em que a comunidade fosse retratando temas que eles considerassem como relevantes. A segunda roda de conversa, ocorreu no dia 22 de outubro de 2022, na casa de uma das moradoras mais antigas do quilombo, mais conhecida como “Tia Esmeralda” codinome. Essa atividade também foi organizada por uma das lideranças comunitárias do quilombo. Na ocasião estavam presentes 26 pessoas, e teve duração de 6 horas.

De acordo com o último Censo demográfico o município de Contagem possui uma população estimada em 621.865 pessoas, e Índice de Desenvolvimento Humano de 0,756, considerado relativamente alto. Quanto ao município de Brumadinho, possui população de

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

38.915 pessoas e Índice de Desenvolvimento Humano de 0,747, também considerado relativamente alto, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas sociedades quilombolas essa questão de espaço é divergente, uma vez que há dominação pelas mulheres constituindo o Matriarcado, como autoridade central (RIBEIRO; VALE, 2012; MARTINS; CARVALHAL, 2016).

4.1 A Comunidade Quilombola dos Arturo's

A narradora Ametista, nora do senhor Mário, de cor parda e cabelo preto encaracolado, foi a responsável pelas informações sobre o quilombo e intermediação das entrevistas realizadas. É professora do ensino médio e aposentada como servidora do Governo do Estado de Minas Gerais. Começou a trabalhar desde cedo dando aulas e formou-se em História e Estudos Sociais, com pós-graduação em Religião. Trabalha há 28 anos, tem três filhos, exerce o papel de liderança e é guardiã dos valores da comunidade. Ela participa de forma ativa de movimentos sociais, “a gente que é do movimento negro... eu tenho mais de trinta e cinco anos

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

de movimento negro” (Ametista). Há miscigenação na comunidade e os entrantes acabam morando no local e se adaptando aos valores (Ametista). Em relação à arquitetura das moradias, algumas são mais simples e outras são de tamanho médio ou superior com *design* mais moderno.

A comunidade foi fundada pelos, já falecidos, Sr. Artur e sua esposa Carmelinda, os quais tiveram 11 filhos, sendo que 10 já estão falecidos. O Sr. Mário, é o filho remanescente, que é casado e teve 6 filhos e, atualmente, há 5 vivos. Desses, há 3 homens e 2 mulheres, sendo que a filha mais velha mora fora da comunidade, em Belo Horizonte. No local, busca-se preservar as tradições dos negros que foram forçados a vir para o Brasil, por meio de festas e celebrações como a Folia de Reis, Festa da Libertação dos Escravos, Reinado de Nossa Senhora do Rosário, como nas manifestações do Congado. No entanto, os membros da comunidade têm livre arbítrio de seguir a religião que desejam (COMUNIDADE ARTURO’S, 2016, Ametista).

A comunidade não recebe nenhuma ajuda por ter esse título “Patrimônio Imaterial do estado de Minas Gerais”, mas tem convênio com a Prefeitura Municipal de Contagem para ajuda com custos em viagens e realização de festas uma vez que a fonte de renda da comunidade

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

vem das festas. No local, ainda não há um museu para resguardar a história, loja para venda de souvenirs e lanchonete (Ametista).

A gente, assim... a gente sonha num futuro...porque aqui a comunidade é um dos pontos turísticos da cidade. Então a gente sonha, num futuro ter um centro de memória, um espaço melhor para atender as pessoas aqui, ter um restaurante, entendeu?... E um...um hotel para as pessoas poder `ficarem`, porque a gente recebe muita gente de fora, principalmente nas festas. É a nossa cultura, ...a gente participa, ... e cada um tem sua função, tem seu cargo no congado e... porque as festas do congado, assim, e eu vou na sua festa e você vem na minha...então é uma troca de visita. Entre as comunidades, entre os congadeiros...e aí acontece... Então tem visita que já é combinado, é para o resto da vida, você vai e ele vem, e então você não pode ter outro compromisso.

Percebe a precariedade na comunidade e a falta de trabalho formal para os moradores do quilombo. Segundo a Rede Brasil Atual (2013) a situação econômica dos quilombolas em sua maioria é caracterizada pela extrema pobreza, 80 mil famílias quilombolas registradas no Cadastro Único, dependendo de políticas sociais. A atividade primária dos quilombolas é o cuidado com a terra, e quando não a possui precisa ter acessibilidade as políticas sociais e muitos não tem a escolaridade necessária para conseguir um emprego (FREIRE, 1997; NASCIMENTO, 2021), inviabilizando ter melhores condições de vida. No caso do quilombo

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

Arturo's, eles dependem das festas para arrecadar recursos financeiros para a manutenção de suas vidas.

A comunidade Arturo's é constituída por 90 famílias e totaliza 300 moradores. Todos os moradores trabalham fora da comunidade. Somente seis mulheres da comunidade têm curso superior e não usaram a lei de cota para entrar na faculdade/universidade. Apenas quatro delas moram na comunidade. Os homens não têm escolaridade elevada, sendo que recentemente o filho da narradora Ametista entrou na universidade beneficiado pela lei de cotas. Nenhum integrante da comunidade alcançou cargo de chefia e gerência em seus empregos. A proporção entre homens e mulheres é paritária considerando as crianças. Nesta fala elucida como o racismo age sobre os quilombolas, principalmente as mulheres, e a importância das políticas sociais, como a Lei de Cotas (FERREIRA; NUNES; SANTOS, 2023).

O papel das mulheres nos quilombos é de liderança e respeito por dar continuidade a tradição africana, que difere da cultura ocidental com o patriarcado.

Olha...a comunidade, ela sempre funcionou como uma espécie de matriarcado. O matriarcado sempre foi muito forte, que era a mãe do Sr. Mário (85 anos), a esposa do Sr. Artur, a Carmelinda, ela era a grande matriarca. Depois que Carmelinda morre...

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

aí vem a filha dela, solteira, que morava aqui na casa do pai e da mãe. Então, assim... a Maria do Rosário. Ela que era a matriarca principal no sentido dessa correção, dessa palavra final, de não deixar a cultura se perder, de não deixar o respeito se perder, sabe?... Então ela segurava muito isso. Ajudar as crianças no dever escolar, mas devido não ter estudo é muito difícil.

Aqui..., mas aqui a gente sempre teve a questão do diálogo, do entendimento em relação ao homem, porque nós temos a mulher no comando da irmandade, igual nós temos rainha, nós temos capitã...então, assim, as mulheres estão nesse comando, na linha de frente, na questão da cozinha... e aqui gente não tem essa diferença não, sabe, o que é do homem, que é da mulher.

Nas narrativas deixam em evidência o poder da mulher no quilombo, atuando como líder, garantindo a tradição e sua cultura, participação coletiva, um quilombo ajudando o outro, atuando na formação na medida do possível das gerações mais novas, ‘a cozinha como forte’ e exclusivo das mulheres. Nesse lugar, as mulheres não percebem a intersecção de estruturas discriminatórias como gênero/sexo, raça, classe e etnia. Conforme Fernandes, Galindo e Valencia (2020), “quilombo como lugar de afirmação de seus modos de vida enquanto mulher

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

negra, bem como o espaço de reprodução de lógicas de opressão frente à interseccionalidade dos marcadores étnico-raciais e de gênero”.

4.2 A Comunidade Quilombola do Ribeirão

Os moradores do quilombo de Ribeirão, que emigraram nos últimos anos para essas localidades, têm ocupado várias áreas distintas, principalmente atividades do setor de serviços, como atendentes em lojas, serventes de pedreiro, cuidador de idosos, serviços domésticos e do setor secundário, como operários, predominando as atividades de baixa remuneração em fábricas. Pode-se observar que parte desse público que sai da comunidade em busca de emprego é caracterizada por mulheres e pelos mais jovens, e a decisão de migrar para alguma dessas cidades/regiões é tomada com base em vários fatores, sendo que um dos mais importantes é o indivíduo já possuir algum parente ou amigo que possa auxiliá-lo na cidade de destino.

Uma característica observada no quilombo de Ribeirão diz respeito à forma pela qual os atores locais se articulam de maneira coletiva para sanar problemas comunitários. De acordo com uma das moradoras do quilombo, codinome neste estudo “Diamante Negro”, antes mesmo do território receber a certificação por parte da Fundação Cultural Palmares, já havia uma

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

associação comunitária do Ribeirão, e Diamante Negro foi uma das primeiras presidentas. Durante o período em que esteve à frente da associação, Diamante Negro conseguiu levar o ônibus escolar até o local onde hoje é a comunidade de Ribeirão.

Há uns 25 anos atrás, essa meninada aqui que hoje está beirando uns quarenta anos estava tudo fora da escola. Porque o ônibus os pegava lá na frente, eles tinham que andar uns 30/35 minutos a pé. Meu menino mais novo tem baixa visão, e ele começou a reclamar que toda vez que ele ia apanhar o ônibus um bicho saía do meio do mato para tentar pegar ele. Quando ele chegava em casa contando essa história meu marido achava que era prosa dele, ou miragem por causa da baixa visão. Um dia eu precisei ir lá para as bandas do Brumado e acompanhei ele pelo caminho, e não é que nós vimos o bicho mesmo. O negócio era de verdade. Daí eu já era indignada desses meninos andar esse tanto para pegar ônibus e ir estudar, com essa coisa do bicho eu fui à prefeitura de Brumadinho pedir para os ônibus virem aqui perto. Na época o prefeito era o “Gibiu” e aí eu pedi para ele um ônibus para vir aqui dentro do ribeirão pegar esses meninos. Aí ele disse que não dava para trazer ônibus aqui para apanhar só 3 ou 4 meninos (Diamante Negro).

Ao conversar com Diamante Negro, ela afirmou que para conseguir um transporte escolar que fosse até o território onde hoje é a comunidade quilombola de Ribeirão, era necessário haver uma quantidade maior de estudantes porque, de acordo com o prefeito da época, não compensava fazer o transporte de apenas cinco crianças e jovens. Mal sabia ela que,

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

grande parte das crianças do Ribeirão ainda não haviam ido para a escola por não possuírem certidão de nascimento. E ela providenciou, ora pagamento do seu bolso, ora os pais, porque era um documento caro para eles. Um dos motivos dessa quantidade baixa de alunos no Ribeirão era justamente pela falta de incentivo e acessibilidade dessa população à escola. Nesse período na década de 60/70 a escola mais próxima era na sede de Brumadinho, 20 km de distância do território. Assim, muitos moradores hoje pessoas mais velhas da comunidade, deixaram de estudar e optaram por trabalhar.

Eu tenho muito orgulho da Diamante Negro, e nós mulheres mais jovens que estamos na liderança buscamos nos espelhar nela, assim como em outras matriarcas também, mas ela em especial porque se não fosse todo o seu empenho, hoje nós não teríamos ônibus vindo aqui no Ribeirão. Porque quando ela solicitou o ônibus escolar, a Prefeitura mandou também ônibus que leva a gente na sede. Isso transformou a vida de muita gente aqui. Lembro até hoje da mãe levando meus documentos para ela tirar minha certidão lá na sede. Se eu puder ir para a escola, foi graças a ela. Obrigada Diamante Negro.

Para Freire (1997), uma das formas de superação dessa problemática social só será efetivada por meio da educação. Uma educação libertária, problematizadora e emancipatória que visa fortalecer as mudanças no âmbito das organizações sociais, de tal modo que as pessoas

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

possam se perceber de forma crítica e que sejam capazes de pensar, questionar, refletir e atuar na sua realidade. Essa perspectiva Freiriana se faz necessária em territórios invisibilizados e marginalizados, para fomentar nos atores locais a autonomia e centralidade frente à reivindicação de seus direitos.

4.3 Empoderamento da mulher quilombola

As mulheres, independentes de ter escolaridade, exercem o papel de liderança e somente 6 pessoas de 300 quilombolas tem curso superior:

É segundo grau...primeiro grau, ensino médio... ensino fundamental...Olha...as mais velhas ...vou te dizer que, assim... que tem umas que nem sabem ler...assim, as bem mais velhas, mas aqui a gente tem caso...de a grande maioria tem só primeiro grau mesmo...a grande maioria é primeiro grau mesmo...não terminou não. Mas agora...as meninas mais novas que estão na faixa dos vinte...dos trinta...aí, essas, assim, a maioria já tem ensino médio. Mas, assim, são poucas, igual eu já falei com você, que foram para a faculdade.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

Ele é o primeiro cotista quilombola da comunidade, os outros todos fizeram pagando. Não conseguiram bolsa integral igual ele conseguiu, não. Algumas já fizeram há um tempo, igual tem duas que elas moram fora, elas fizeram por conta própria...elas são da área da educação, tem a Âmbar(codnome) que é professora de Artes, tem a irmã dela que é da Pedagogia...temos uma que acabou de formar em RH, uma outra que está fazendo Administração...uma outra que já formou em Processamento de Dados...nessa área também de RH. Temos uma Assistente Social, também, que fez na PUC de Contagem, mas, também ela pagou porque não conseguiu a bolsa, porque... E assim, e tem a juventude que vem tentando...a gente tinha aqui um cursinho de pré - ENEM para eles, e aí parece que não está funcionando porque a maioria trabalha, e aí o pessoal prefere ganhar um salarinho a estudar, porque não é fácil estudar e trabalhar.

Consequente a baixa formação educacional é difícil conseguir adentrar no ensino superior e, conforme narrativa de Ametista, o racismo na sociedade dificulta acesso aos melhores empregos (FERREIRA *et. al.*, 2023) e não é falta do ativismo do movimento negro. O movimento negro é um agenciador para que as políticas afirmativas entrem na pauta política para mitigar os prejuízos que a população tem sofrido desde a escravidão (AMENTA; CAREN; CHIARELLO; SU, 2010), sendo que as leis precisam ser colocadas em práticas com maior rapidez:

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

Cota? Não...quem tentou não conseguiu e algumas não conseguiram passar na escola pública, conseguiram fazer o curso delas pagando a escola particular. O meu filho é a primeira cota quilombola. Ele estuda na PUC de Betim. O meu filho, para você ter uma ideia, é o primeiro homem a entrar numa faculdade aqui...ele faz fisioterapia.

Eu também acho que é fazer valer as leis. As leis que existem são geralmente lutas e brigas das próprias mulheres, porque para você fazer uma lei existir é em cima de toda uma justificativa, é em cima de dados, é em cima de um acontecimento e eu acho que as mulheres, ultimamente, vêm pensando bem, pensando de uma forma geral, pensando em todas, nesse sentido de fazer as coisas acontecerem. Só que a gente percebe, ainda, que as políticas andam muito devagar, a efetivação das leis é muito devagar... é onde nos deixa um pouco para trás. Então eu acho que se eles colocassem em prática o que já têm, já era um avanço....

...ouvir o que o movimento negro está falando, o movimento das mulheres negras está falando há mais de trinta anos, o movimento negro está há mais de quarenta anos (...), as mulheres negras estão aí na luta apontando as perspectivas do que nós queremos, do que nós precisamos, só está faltando quem ouve...(...) o racismo é que não deixa...o racismo institucional... o machismo..." (*impressão de outra quilombola com a função de educadora musical na comunidade no quilombo Arturo's*).

A maior parte da população do quilombo de Ribeirão que possui vínculo empregatício são as mulheres, e elas ocupam atualmente cargos diversos, mas ainda há o predomínio daquelas

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

que trabalham em casas de família, especialmente nos condomínios de alto luxo localizados em Brumadinho. Nascimento (2021) chama atenção para os espaços e funções relegados às mulheres negras, funções que lhes são atribuídas desde a escravidão. A presença de valores coloniais que se sobrepõem aos mecanismos atuais de conservação e manutenção dos privilégios raciais, reproduz sobre a população negra um suposto “destino histórico”, pois ao observar o perfil das instituições e organizações, é essa parcela da população brasileira, em sua maioria, que desenvolve atividades domésticas e com baixa remuneração (NASCIMENTO, 2021).

Segundo relatos das matriarcas da comunidade que são dessa época e vivenciaram esse processo, havia um rapaz que era residente em Belo Horizonte, e que era o responsável por arrumar emprego para as mulheres que vinham do interior trabalhar na cidade. Esse sujeito arcava inicialmente com as despesas das mulheres do quilombo, até elas se “firmarem” na cidade, ou seja, até adquirirem moradia e estabilidade financeira. Após isso, ele retornava ao quilombo para buscar mais pessoas para trabalhar na cidade e perpetuar esse ciclo.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

A história de luta dessas mulheres é muito importante, porque elas saíram muito novas daqui para trabalhar, tanto que tinha um rapaz que vinha aqui e buscava uma, levava e essa outra voltava e buscava mais uma, até que todas um belo dia saíram daqui para construir a vida fora do Ribeirão. E lá elas passaram seus apertos. A turma que saiu daqui era meio que sobrevivente, porque não tinha serviço aqui, então elas saíam (Codinome Ágata-Presidenta da associação do quilombo de Ribeirão).

De acordo com Nascimento (2021), uma das marcas do período colonial ainda existente na nossa sociedade atual, é a classificação das atividades atribuídas às pessoas negras (grande parte compreendida por escravos) e pessoas brancas (senhores de engenho). Logo, os mecanismos ideológicos do colonialismo ainda presentes na atualidade, se encarregam de perpetuar e legitimar estereótipos que classificam e julgam qual o papel da mulher negra na sociedade brasileira, como enfatizado por:

O efeito continuado da discriminação feita pelo branco tem também como consequência a internalização pelo grupo negro dos lugares inferiores que lhes são atribuídos. Desse modo, os papéis e funções que o povo negro desempenha foram naturalizados e não são questionados pela maioria da sociedade brasileira (NASCIMENTO, 2018, p.104).

Sempre o pessoal de Brumadinho (sede) me pergunta: **“Ô Rubi, cê não tem ninguém aí pra trabalhar na minha casa não?”** e isso me gera uma revolta muito grande

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

porque eu já trabalhei nessas condições e sei do sofrimento que é se sujeitar a isso. Tanto que eu sempre digo a essas pessoas que as meninas aqui do quilombo querem trabalhar sim, mas elas sabem fazer outras coisas além de trabalhar em casa de família, e muitas têm estudos. Isso é a perpetuação da escravidão! (Rubi– codinome).

O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que “o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra” (GONZÁLEZ, 2020, p. 40). Com base na fala de Rubi, observa-se que quando se trata de disputar o preenchimento de posições que implicam em recompensas e ocupação de cargos de destaque, por mais que o negro possua a mesma formação/capacitação que os brancos, os resultados obtidos sempre são favoráveis aos últimos. No Brasil essa realidade ocorre em todos os segmentos sociais, consolidando o fenômeno da divisão social do trabalho.

Nascimento (2021) afirma que na sociedade brasileira o sistema econômico determina espaços de hierarquia de classe, e conseqüentemente um público específico (majoritariamente branca) é selecionado para preencher espaços no mercado de trabalho. O principal mecanismo de seleção desses sujeitos é o critério racial, sendo destinada a população negra cargos de baixa hierarquia. Como resultado desse processo, sujeitos negros tendem a internalizar essa condição

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

de ocupação de lugares inferiorizados, despertando em si o sentimento de se isentar dos espaços de destaque, dando espaço a população branca e naturalmente oferecendo condições para a perpetuação dos privilégios raciais.

Cê vai entrar numa firma é difícil porque hoje eles estão escolhendo, então hoje em dia o lado que está tendo, o jeito é trabalhar em casa de família, é o jeito de você ter o seu garantido (dinheiro), seu pão de cada dia, para cuidar da sua família e ter as suas coisas têm que ser, porque eu mesma, eu trabalhei em várias empresas e hoje em dia trabalho em casa de família. E para mim eu tenho orgulho porque, pelo menos eu recebo o meu, que dá para cuidar do meu filho e faço as coisas, porque hoje em dia também empresas não está dando, porque desde que eu vim de Betim para cá, eu larguei a empresa em Betim, e fui para BH e procurei várias empresas e não dão oportunidade, então para você ficar sem ter o que você fazer, é melhor você pegar uma casa de família (Jana – codinome).

Santos (2019) afirma que de acordo com dados do IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada de 2019, 20% das mulheres negras no Brasil são trabalhadoras domésticas remuneradas. Essa maioria feminina é fruto de uma longa construção social que se estabeleceu no imaginário da sociedade brasileira de que as atividades domésticas são biologicamente ligadas às mulheres (BENTO, 2022). Se na atualidade a mulher negra continua ocupando

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

empregos semelhantes aos que essa mesma parcela da população ocupava no período colonial, isso está relacionado ao fato desta ser uma mulher de raça negra e seus antepassados terem sido escravizados (NASCIMENTO, 2021).

Um aspecto que ficou evidente durante as conversas com as mulheres do quilombo de Ribeirão, ainda nessa temática sobre as condições de trabalho precárias, foi sobre os maus tratos e a má remuneração. Dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), apontam que profissionais “brancas” que se encontram atuando no ramo doméstico, recebem mais que as trabalhadoras negras em todo o país. Segundo dados do Sistema Estadual de Análise de Dados (Sead) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos a população negra trabalha duas horas a mais do que a branca, em qualquer parte do Brasil (BENTO, 2022) conforme a seguir:

Mais recentemente, no ano de 2019, outra análise do Dieese indicou que a população negra trabalha mais e ganha menos em todos os Estados brasileiros, a média é 30% menor em comparação a população branca. O grupo mais afetado dentro desse panorama são as mulheres negras, uma vez que trabalham o dobro do tempo para obter salários semelhantes ao do homem branco” (BENTO, 2022, p.32).

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

A representação excessiva de pessoas brancas nos lugares de maior destaque e qualificação diz respeito ao merecimento desses sujeitos, já a ausência de negros e negras deve-se ao fato de não estarem devidamente preparados. Quando a população negra consegue ter acesso a cargos de destaque em determinados segmentos, grande parte das vezes está relacionada à indicação de algum amigo ou pessoa próxima. Uma das moradoras do quilombo colocou em evidência essa realidade. Como exemplo, a narrativa de Rubi: “No momento eu estou trabalhando em um escritório de contabilidade lá na sede de Brumadinho. E não foi porque eu participei de um processo de seleção, eu só estou lá porque uma pessoa conhecida me indicou. E eu sou a única mulher negra neste espaço”.

A questão das mulheres pretas quilombolas se empoderarem em contexto empresarial brasileiro é um desafio primeiramente devido a escolaridade necessária para ocupar determinados cargos, soma-se ainda que sequer consegue inserir porque são rejeitadas por causa do sexismo e racismo sistêmico na tessitura da sociedade brasileira, padecendo da tripla opressão (CRENSHAW,1991) e consumando as violências políticas, sociais e econômicas. Sem perspectivas práticas de trabalho, fora do âmbito doméstico, torna-se intransponível

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

empoderar as novas gerações. A educação é a base para mobilidade intergeracional e por isso, é urgente políticas públicas que favorecem a permanência das crianças e jovens nas escolas. A interseccionalidade, como categoria analítica reconhece a posição subjetiva como ponto chave para todas as categorias gênero, classe, raça, geografia, idade dentre outras, para construir o conhecimento, levando em consideração as distinções corporificadas e subjetivas das minorias, fazendo com que elas tornem um contexto crítico perante a ideia do sujeito (IANNICIELLO, 2015).

Para Moore (2012) a interseccionalidade das categorias excludentes visa fomentar o debate sobre a gênese da mudança de diferentes elementos para justificar as desigualdades desenvolvidas pelo sistema neoliberal que permanece privilegiando um padrão de homem, mulher, sociedade e sujeito social. Akotirene (2018, p. 39), afirma que “a interseccionalidade nos instrumentaliza a enxergar a matriz colonial moderna contra os grupos tratados como oprimidos [...]”. “E o processo de diferenciação de grupos humanos com base em atributos classificatórios é a marca da narrativa da história ocidental.”. As intersecções de raça, a partir do gênero, têm sido discutidas nos diversos contextos, porque a situação das mulheres negras é

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

muito desigual e pouco se tem feito para resolver esta condição, perante a abrangência e urgência.

5 Considerações finais

O objetivo deste artigo foi examinar o protagonismo da mulher quilombola frente as demandas comunitárias e seu empoderamento. O estudo trouxe a história de tradição oral dos quilombos Arturo's e do Ribeirão. As mulheres que atuam na liderança são matriarcas, rainhas do Congado, tomam a frente das necessidades do povo quilombola, como conseguir transporte público para as crianças, conseguir renda, garantir a cultura e a memória dos povos tradicionais.

O empoderamento das mulheres quilombolas fora do seu território, é uma questão complexa devido o sexismo, racismo na sociedade brasileira que não reconhece as qualidades das mulheres e se não tiver escolaridade, a situação se torna mais difícil, como se percebe no pacto da branquitude (BENTO, 2022) que impera na nossa sociedade de classe, sexista e racista.

A interseccionalidade de raça, gênero, classe e etnia é perceptível, a partir das vivências com as mulheres quilombolas que lutam cotidianamente por direitos que foram negados ao seu

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

povo. É necessário que as comunidades quilombolas tenham maior atenção dos três poderes (federal, estadual e municipal), envoltas por políticas afirmativas que estimulem os jovens e crianças a permanecerem na escola, recebam ação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) para ajudar na abertura e gerenciamento do negócio, fortalecendo o quilombo como ponto turístico e assim empoderar as mulheres e consequentemente todo o quilombo, favorecendo melhores condições de vida. Outro fator essencial é desmitificar a democracia racial, que mulher preta é sempre doméstica, babá ou relacionada ao cuidado, limitando suas possibilidades de crescimento na carreira. Diante da negação da mulher preta quilombola, é emergente a prerrogativa da sustentabilidade para o povo quilombola, pois assim eles poderiam se tornar autossuficientes, e não dependeriam de forma prioritária de políticas sociais.

O artigo possibilita várias indagações da condição das comunidades e as violências perpetuadas, negando os direitos fundamentais, portanto, um povo segregado e excluído e que demanda políticas sociais urgentes para melhorar a qualidade de vida e o empoderamento das mulheres. A academia precisa ter um olhar mais crítico e resolutivo para estas mulheres e possibilitar maior debate sobre o tema. As limitações condizem com o tipo de pesquisa

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

utilizada, dificultando a extrapolação dos dados como totalitários para todos os quilombos, mas uma condição é comum, a precariedade, racismo e liderança feminina. Deste modo, sugere-se a realização de estudos etnográficos, pesquisa-ação, pesquisa de implementação, como a pactuada com esses povos, e respeitando sua memória e necessidades, que podem diferir dos pesquisadores.

Referências

AGUIAR, M. M. A Construção das Hierarquias Sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v.20, n. (36/37), p. 83 – 88, 2007.

AKOTIRENE, C. **O Que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018.

AMENTA, E.; CAREN, N.; CHIARELLO, E.; SU, Y. The Political Consequences of Social Movements. **Annual Review of Sociology**, n. 6, p. 287–307, 2010.

BENTO, C. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS (CONAQ). **Censo 2022: IBGE já recenseou 386.750 quilombolas**. Maryellen Crisóstomo, 1 set 2022. Recuperado de: <http://conaq.org.br/noticias/censo-2022-ibge-ja-recenseou-386-750-quilombolas/>. Acesso 25 mai 2023.

CARNEIRO, S. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. In: Carneiro, S. São Paulo: Selo Negro. Consciência em debate/coordenadora Vera Lúcia Benedito, 2011.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA (CedeFes). **Relação das comunidades negras quilombolas em Minas Gerais**. Atualizado em 04/06/2021. Recuperado em: <https://www.cedefes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Relacao-CNQ-em-Minas-Gerais-atualizadaem04062021.pdf>

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. (2a ed.). Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU (Trad.). Uberlândia: EDUFU, 2015.

COMUNIDADE DOS ARTURO'S. **Comunidade dos Arturo's**. Publicado em 20 novembro, 2016. Recuperado de: <http://www.mineirosnaestrada.com.br/comunidade-dos-arturos/>. Acesso 10 set 2022.

COSTA, C.C.L. de. **Comunidades Quilombolas**. Publicado em 9 de abril de 2014, modificado em 9 de junho de 2015 às 16h:25. Recuperado de:

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

<http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/programa-brasil-quilombola>. Acesso em 21 setembro de 2022.

CRENSHAW, K. W. Mapping the Margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v.46, n.6, p.1241-1299,1991.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** (2 eds.). (ROCHA, L. de O. Tradutor.). Porto Alegre: Artmed,2007.

DESOUZA, E. M. Processos de Radicalização: inteligibilidade, hibridade e identidade racial em evidência. **E&G- Economia & Gestão**, v.17, n.48, p. 23-42, 2017.

FERNANDES, S. L.; GALINDO, D. C. G.; VALENCIA, L. P. Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de alagoas. **Psicologia em Estudo**, v.25, n. e45031, p.1-15,2020.

FERREIRA, R.; SEIJAS, T. O Tráfico de Escravos para a América Latina: um balanço historiográfico. In Andrews, G.R, & Fuente, A. **Estudos afro-latino-americanos: uma introdução**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO,2018, p.75-118.

MARTINS, T. F.; CARVALHAL, T. L. O Matriarcado e a Resistência das Mulheres Negras em (Com)unidades Baianas: dos quilombos à periferia. **Revista Três[...] Pontos**, v.13, n.1, p.35-46,2016.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

FERREIRA, C.A. A.; NUNES, S.C.; SANTOS, J.N. O Papel das Relações Raciais no Mercado de Trabalho Brasileiro: processos de recrutamento e seleção em foco. **Cadernos EBAPE.BR**, v.21, n.1, p.22–39, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa (33 nd). São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 1981.

GOMES, A. F.; SANTANA, W. G. P. A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração. **Cadernos EBAPE.BR**, v.8, n.1, p.1-18, 2010.

HOOKS, B. **Teoria feminista**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2020.

IANNICIELLO, C. (2015). Spazi e confini, transiti e posizionamenti. In: IANNICIELLO, C.; QUADRARO, M. **Memorie transculturali: Estetica contemporanea e critica postcoloniale**. Napoli: Università degli studi di Napoli “L’Orientale”, 2015, p.63-88.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e estados**, 2022. Recuperado em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/contagem.html>. Acesso em 25 jul 2023.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

JOAQUIM, N. F.; CARRIERI, A. P. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. **O&S - Organizações & Sociedade**, v.25, n.85, p. 303-319, 2018.

LA FUENTE, A.; ANDREWS, G.R. Los estudios afrolatinoamericanos, un nuevo campo. In: ANDREWS, G. R.; LA FUENTE, A. **Estudios afrolatino-americanos: uma introdução**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, CLACSO, 2018, p.11-40.

MIZAEL, T.M.; CASTRO, M.S.L.B.; DITTRICH, A. Uma interpretação analítico-comportamental do colorismo e de suas implicações clínicas. **Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, México, v.29, n.4, p.65-81, 2021. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274571372005>

MOORE, C. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

NASCIMENTO, B. **Quilombola e Intelectual: possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras**. Ratts, A. (Org). Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 2021.

PENA, S. J.; BORTOLINI, M. C. Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações afirmativas? **Estudos Avançados**, v.18, n.50, p.31-50, 2004.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

RODRIGUES, V. Programa Brasil Quilombola: um ensaio sobre a política pública de promoção da igualdade racial para Comunidades de Quilombos. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v.15, n.57, p.263-278,2010.

REDE BRASIL ATUAL. **No Brasil, 75% dos quilombolas vivem na extrema pobreza.** Seção Cidadania. Sarah Fernandes, da RBA. Publicado 07/05/2013 - 18h57. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/no-brasil-75-dos-quilombolas-vivem-na-extrema-pobreza/>>. Acesso em 27 mai 2023.

RIBEIRO, L. P.; VALE, Z. M. C. Um olhar sociopsicodramático sobre as concepções de beleza em famílias negras. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v.20, n.1, p.173-193,2012.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado e Violência.** In: BONGIOVANI, H. L.; SAFFIOTTI, H. I. B (2 ed.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, B. S. Metodologias pós-abissais: Descolonização cognitiva: uma introdução. In: **O Fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do 178 Sul.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p.161-210.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SILVA, A.F. Concentração fundiária, quilombos e quilombolas: faces de uma abolição inacabada. **Revista Katálysis**, v.24, n.3, p. 554-563,2021.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.
e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).
e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.
e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.
e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>

WADE, P. (2017). Raça e etnia na era da ciência genética. In: HITA, M. G. (Orgs). **Raça, racismo e genética em debates científicos e controvérsias sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017, p.81-101.

¹Geógrafa (PUC Minas) e Mestra em administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA/PUC Minas.

e-mail: amandarc.dsg@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9269896971140579>

²Doutora em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Pós-doutorado em Geografia- Tratamento da informação espacial. Estágio Pós-doutoral em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração- PUC MINAS. Linha de pesquisa: Pessoas, Trabalho e Sociedade: Diversidade nas organizações. Grupo de Pesquisa GEDI- Grupo de Estudos de Gestão, Diversidade e Inclusão; NUPEGS- Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social/PPGA-PUC Minas; Geografia- Fluxos e análises espaciais e NEHRUT- Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989) no curso de farmácia e bioquímica. Tem especialização em administração de serviços de saúde e saúde pública (UNAERP), MBA em Gestão de Organizações Hospitalares e Serviços de saúde (FGV) e Assistência Farmacêutica no SUS (UFSC).

e-mail: claudiahgv@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8301858237138117>

³Professor Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PPGA – PUC Minas. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ética e Gestão Social (NUPEGS)/PPGA PUC Minas.

e-mail: armino.teodosio@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2167878748442691>

⁴ Doutorado (2007) e Mestrado (1999) em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, nas áreas de Novas Tecnologias Gerenciais e Organizações e Recursos Humanos, respectivamente; Graduação em Administração (1990). Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (desde 1998). Desde 2008, faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/PUC Minas.

e-mail: sinunes@pucminas.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716255889958071>